

UM CONTO DE NATAL DE
IRKA BARRIOS



O ESTREITO

DARKSIDE





C O N T O S

D E N A T A L

D A R K

DARKSIDE

UM CONTO DE NATAL DE
IRKA BARRIOS

O ESTREITO

Mais uma vez, sonho com Gibraltar. Ela conduz o carro em baixa velocidade por uma ruazinha de bairro residencial. Chove tanto que o limpador do para-brisa não dá conta de repelir a água. Presa às hastes em movimento, a borracha do limpador range em intervalos breves. Gibraltar chora, meio que para dentro, engolindo as gotas do muco nasal. Uma delas, tão veloz quanto o aguaceiro que escorre pelo para-brisa, escapa da narina. Pinga no tecido da calça.

A bateria morre, junto com o grito que sai da garganta de minha amiga.

Aconteceu depois da aula de Geografia do sexto ano. A professora explicava sobre o estreito, um nome tão lindo que me invadia os ouvidos em notas de música. Durante o recreio, minha amiga caiu na pracinha. Larguei meu lanche, corri até ela. Enxerguei-a de cima, afundada na cancha de areia. O cotovelo esquerdo desconjuntado, preso ao corpo somente por um pedacinho de pele tão estreito.

Tá doendo muito?

Ela piscou os olhos, indicando que não. Também não a vi chorar. Nem quando a professora veio e a ergueu usando o outro braço como apoio. Caminharam alguns passos, Gibraltar sem conter o antebraço que girava para todos os lados, como se não se sentisse mais parte do corpo, como se buscasse um rasgo de pele que o libertaria de vez.

Minha mãe vai me enforcar, disse.

Um mês depois, visitei Gibraltar em casa. Ela mantinha o gesso, o cotovelo dobrado para consolidar a fratura, a tipoia que se apoiava em sua nuca. Acabara de retornar de Santa Maria, havia sido operada em um hospital referência em ortopedia. Graças a antigas amigas do avô, funcionário da universidade local, seu caso foi bem encaminhado. Após três cirurgias e não sei quantos pinos de fixação, uma equipe de doze médicos conseguiu reconstruir o braço esquerdo de Gibraltar.

Pensei que tu ia morrer, disse quando a abracei.

Passei mais tempo morta do que viva.

Ofereceu-me a caneta para assinar o gesso. Desenhei o Marrocos e o sul da Península Ibérica, o exato momento em que África e Europa se aproximam até quase se beijarem. Logo abaixo escrevi: Gibraltar. Na escola, todo mundo assinou. Rabiscaram por tudo, por cima do meu desenho, até que ele se perdeu.

Montávamos a cidade em cima do tabuleiro de *War*. As rotas marítimas se tornavam ruas de um bairro residencial. Roubávamos dois carrinhos do irmão mais novo de Gibraltar, não tinha da cor rosa, contentávamos com o vermelho e o amarelo. Minha casa, mais modesta, ficava na esquina da direita, a de Gibraltar, à esquerda. Não chegávamos a supor quem eram nossas vizinhas, habitantes das casas do meio do quarteirão. Preocupávamos em construir as fachadas intercalando cores vivas em blocos geminados de dois andares — sempre de dois andares —, e passávamos ao que importava: a estação de trem, o porto, a praça e o restaurante.

Outro carrinho, preto, fazia o papel do trem. Ele apitava a todo o momento, convidando as pessoas a embarcarem para longe dali. Do porto saía uma balsa que nadava em círculos. Não nos ocupávamos muito do destino dela. Era na praça que nos demorávamos para admirar nossas

construções. No banco da praça conversávamos sobre nossas mazelas. Dependendo do dia, a conversa ia longe, vai chover, esqueci a roupa no varal, foda-se, o bebê tem cólica, passo as noites em claro, preciso de um tranquilizante, de um novo terapeuta, quem sabe reiki ou meditação?, meu marido tem outra, vou matar aquele puto.

Treze horas o restaurante abria. No relógio de corda, uma bonequinha deslizava sobre um trilho até encontrar a superfície de cobre. Em sua mão, um martelo que produzia o som metálico informando a hora.

O pai de Gibraltar também acordava às treze. Primeiro era o rangido da porta do quarto, depois o perfume que se impunha antes da presença física do homem. Eu nunca entendia por que dormir tão perfumado, mas tinha vergonha de perguntar.

De novo no meio da sala? Não tem tarefa da escola? Ele passava esbarrando no tabuleiro, um Godzilla destruindo nossa cidade. De novo com meu tabuleiro de *War*?

Gibraltar desmanchava nossas construções sem fazer birra e eu sabia que era hora de me mandar.

Acompanhei Gibraltar na tarde em que ela removeu o gesso. O médico usou uma faquinha sem ponta, fez alavanca para soltar. Não consegui de primeira, irritou-se um pouco, pegou um martelinho de metal. Calada, acompanhei o semblante *blasé* de minha amiga durante todo o tempo em que o médico acertava uns golpes de pequena amplitude sobre a crosta dura. O gesso se partiu em dois pedaços, um cheiro de pele sebosa invadiu a sala de curativos. Eu ia fazer piada, desisti ao perceber que ninguém havia reclamado do fedor. Voltei a me escorar na parede ao fundo, evitando reproduzir expressões de nojo. Assim que o médico se virou para a bancada, Gibraltar me encarou. Abriu a boca, botou a língua para fora, fingiu lambidas na bunda dele. Cobri os olhos, senti meu rosto esquentar. O médico se voltou para mim, perguntou se eu estava passando mal.

É comum mocinhas desmaiarem aqui, soltou um riso debochado.

Também as sessões de fisioterapia requeriam minha presença. Energico, o fisioterapeuta esticava e encolhia o antebraço de Gibraltar. Tinha gestos firmes, embora revelasse certa gentileza. Depois ele a

encaminhava para uma sala de paredes embaçadas e mergulhava seu braço inteiro em um tanque de água morna. Foi ali, na borda do tanque, que conhecemos um garoto da nossa idade com o problema contrário: sua fratura fora consolidada com o braço esticado. Os exercícios buscavam destravar os músculos, cada um com seu propósito. O garoto precisava reaprender a dobrar, minha amiga a esticar. Brincávamos, contávamos piadas. Só deixou de ser divertido quando o fisioterapeuta percebeu que o tratamento de Gibraltar não avançava. A clínica solicitou mais sessões, e indicou exercícios para fazer em casa.

Assisti a algumas tentativas de exercícios e recusei novos convites. Era enervante, o pai xingava Gibraltar como se ela tivesse culpa do cotovelo teimoso. Eu sentia muita raiva das grosserias dele e, com o tempo, passei a sentir raiva da passividade dela. Por último, eu torcia para que ela sofresse, queria por à prova sua capacidade de fingir. Ela não chorava. Enfrentava-o, sua postura fazia parecer que o braço dobrado era o símbolo da incompetência do pai.

Quando eu disse que não queria mais assistir aos exercícios, ela se chateou. Fez birra, não me largou enquanto eu não promettesse que dormiria lá.

Tudo bem, eu disse, mas tem que ser na noite que teu pai trabalha, tenho medo dele.

Fez muito frio, a mãe de Gibraltar teve que subir em um banquinho para nos alcançar os cobertores. Aproveitou para descer os enfeites de Natal, uma caixa de papelão com desenhos de anjos e bolas vermelhas. De luz apagada, conversamos por quase uma hora até que o sono veio.

Ei, quero te contar uma coisa.

Soltei um gemido em resposta.

Meu braço não é mais normal. Ele não é mais meu.

Soltei outro gemido e virei para o lado.

Eu gosto disso porque quando toco lá embaixo não sou eu, é outra mão.

Abri os olhos. Era repugnante, era irresistível.

Quer ver?

Não.

Poucas semanas depois, Gibraltar apareceu com o braço engessado, de novo. A professora perguntou, ela disse que tinha acontecido um problema com a cirurgia. Para outra professora ela disse que tinha problema com o osso e para outra disse que o fisioterapeuta indicou imobilizar por mais uns tempos. Tive vontade de forçá-la a confessar, algo me dizia que o pai a surpreendeu fazendo coisinhas com o braço defeituoso e deu uma coça nela.

No recreio, ajudei com o lanche, esperei ela engolir o salgado, arrotar e alcancei a Coca-Cola para que ela bebesse e arrotasse mais alto.

Sonhei que meu pai pedia para eu esfaqueá-lo, ela disse antes de voltarmos para a sala de aula. Contou que, no sonho, ela não hesitava, enfiava a faca direto no coração, e ele caía para trás. E voltava a si. Caía de novo e levantava, umas quantas vezes. Ele estava morrendo, mas agia como se estivesse bêbado.

A família de Gibraltar partiu uns dias antes do Natal. Não foi de trem, nem de balsa, foi com o carro do pai lotado de tralhas, incluindo o tabuleiro de *War* e nossas casinhas de construção. Deixaram para trás o pinheirinho com metade dos enfeites. Em visitas diárias, eu o espiava da janela da varanda. Acompanhei os dias mais exuberantes e o declínio daquele galho de araucária. Na última visita enxerguei-o tombado no meio da sala. Também era possível perceber insetos mortos e os rastros de um roedor.

Perdemos o contato, o que era comum na época. Pensei em procurá-la nas redes sociais, mas a verdade é que esqueci completamente seu nome. Desde que a apelidei, ela sempre foi Gibraltar. Algumas vezes eu a imagino morta, em outras vejo-a bem. Com o tempo, pude compreender o sentimento que experimentei ao lado dela, algo contrastante, como o estreito, os treze quilômetros de mar obscuro que aparta dois continentes.

IRKA BARRIOS é mestre (PUC RS) e doutoranda em Escrita Criativa (UFRGS). Autora de *Vespeiro* (DarkSide Books, 2023); *Lauren* (Caos & Letras, 2019), finalista do Prêmio Jabuti de 2020 na categoria Romance de Entretenimento. Recebeu os prêmios Brasil em Prosa (Amazon, 2015, narrativa curta), Odisseia da Literatura Fantástica (2022, narrativa curta de horror) e Prêmio AGES (Associação Gaúcha de Escritores, 2023, nas categorias Livro do Ano e Narrativa Curta).

